

Conversa de Pescadores. A história da onça que comeu o jacaré, que comeu o gavião, que comeu caranguejo, que...

Esta história se passou nas cercanias de Santarém, Pará, na região do Baixo Amazonas. Foi-me contada por um colega, o Dionísio, filho daquela região.

O caboclo mocorongo, como de resto todo caboclo vivente das beiras dos rios amazônicos, tira das águas destes rios o seu alimento diário. Para isso, costuma usar diversos métodos de captura de peixes. Um dos mais usados é o espinhel, que consiste de uma linha principal feita de corda mais grossa, que suporta comumente de 4 a 10 anzóis, suspensos por linhas curtas de um metro de comprimento ou menos. A extensão total do espinhel pode chegar a 30 metros. As suas extremidades são amarradas entre ramos de árvores ou cipós da beira e, em seguida, os anzóis são iscados. Para esta tarefa, usam-se frutos, sementes e também uma espécie de caranguejo pequeno, de coloração avermelhada, muito comum nessas áreas.

Certa feita, o caboclo estendeu o espinhel, iscado que foi com o dito caranguejo. Quando foi despesca-lo, em vez de encontrar tambaqui (*Colossoma macropomum*) deu de cara com uma onça (*Pantera onça*) iscada na linha. Ao sacrificá-la, para a retirada do anzol, em seu estomago foi encontrado um pequeno jacaré-açu (*Melanosuchus Níger*). Curioso que era, tirou as tripas deste réptil e, dentro delas, encontrou um gavião-caramujeiro (*Rostrhamus sociabilis*). O espanto do caboclo foi maior ainda quando percebeu que, na goela da ave falconiforme, encontrava-se o pequeno caranguejo (*trichodactylus sp.*) e finalmente o procurado anzol!

Descontados os exageros próprios de história de pescadores, esta narrativa nos mostra um fato ecológico muito importante e já constatado cientificamente: a interdependência existente entre os ambientes terrestres e aquáticos da Amazônia. Senão vejamos: O peixe tambaqui alimenta-se de frutos de seringueira-barriguda (*Hevea spruceana*) e de jauari (*Astrocarium jauri*), na época de floração dessas espécies vegetais, características das margens dos rios. Quando não existem estes frutos, o peixe captura pequenos crustáceos, dentre outros pequenos animais. Outros três gêneros deste peixe caracóide (*Brycom*, *Mylosma* e *Myleus*) também são considerados frugívoros – comedores de frutos – e granívoros – comedores de sementes. Pacus alimentam-se de mata-fome (*Paulinia sp.*) e de tartaruguinha (*Amanoa sp.*) que crescem nas margens do rio. Até a temível piranha (*Serrasalmus sp.*), na época da escassez de suas presas, não dispensa sementes de seringueira.

Na história acima, temos um organismo – crustáceo – que vive por entre os capins das margens; uma ave de rapina, que habita a floresta marginal ao rio; um réptil que alterna o ambiente aquático com o terrestre e um mamífero carnívoro, tipicamente terrestre, porém, que vai à beira do rio se refrescar e beber água. Assim, a cadeia alimentar formada, engloba organismos que mesmo vivendo em ambientes distintos, trocam entre si relações alimentares, que demonstram o quanto deve ser cuidadoso o manuseio e a transformação dos ecossistemas da Amazônia.